

# **A Adesão da Agenda 2030 pela Universidade Federal de Uberlândia: uma Análise dos Resultados no THE Impact Rankings 2021<sup>1</sup>**

GOMES, Júlia<sup>2</sup>

## **Resumo**

Pensar nos desafios enfrentados no mundo contemporâneo, em suas mais diversas frentes, exige planejamento estratégico com o direcionamento de metas realizáveis e atores engajados para seu sucesso. A Agenda 2030 surge como uma proposta multidisciplinar e ambiciosa, pois estabelece uma lista de metas a serem cumpridas em torno dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, até 2030. Sendo assim, o comprometimento de atores de diversas naturezas é fundamental, na tentativa de colocar esse plano de ação em prática, em âmbito local, regional e global. Nesse sentido, destaca-se o papel das universidades que, ancorado em seu tripé da pesquisa, ensino e extensão, contribui e tem o potencial de alavancar este processo. Essa temática é incorporada, ainda, pelo THE Impact Rankings, que busca mensurar o impacto gerado pelas instituições de ensino superior ao redor do mundo na entrega de ações relacionadas à Agenda. Nesse sentido, este trabalho tem o objetivo de analisar o papel de rankings que promovem os ODS na internalização da Agenda 2030 nas universidades por meio de um estudo de caso da participação da UFU no THE Impact Rankings 2021. Para esta finalidade, foram utilizados como métodos a revisão bibliográfica dos principais autores que tratam sobre a internacionalização da educação superior e rankings universitários internacionais e um estudo de caso qualitativo dos resultados da UFU neste ranking. Por meio de entrevistas, consideramos também a percepção dos servidores membros da Comissão de Rankings na tentativa de investigar se a participação nesse ranking tem impacto para a gestão universitária.

**Palavras-chave:** Agenda 2030, THE Impact Rankings, internacionalização, UFU.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (IERI UFU) como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marrielle Maia Alves Ferreira.

<sup>2</sup> Discente do curso de Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

## **Abstract**

Thinking about the challenges faced in the contemporary world, on its most diverse fronts, requires strategic planning with the direction of achievable goals and actors engaged for its success. The 2030 Agenda emerges as a multidisciplinary and ambitious proposal, as it establishes a list of goals to be achieved around the 17 Sustainable Development Goals, by 2030. Therefore, the commitment of actors of different natures is fundamental, in an attempt to put this action plan in place at local, regional and global levels. In this sense, the role of universities stands out, which, through their tripod of research, teaching and extension, contributes and has the potential to leverage this process. This theme is also incorporated by THE Impact Rankings, which seeks to measure the impact generated by higher education institutions around the world in the delivery of actions related to the Agenda. In this sense, this work aims to analyze the role of rankings that promote the SDGs in the internalization of the 2030 Agenda in universities through a case study of UFU's participation in THE Impact Rankings 2021. For this purpose, the methodology consisted of a bibliographic review of the main authors that deal with the internationalization of higher education and international university rankings and a qualitative case study of the UFU results in this ranking. Through interviews, we also considered the perception of the public servants who are members of the Rankings Committee in an attempt to investigate whether participation in this ranking has an impact on university management.

**Keywords:** 2030 Agenda, THE Impact Rankings, internationalization, UFU.

## **1 INTRODUÇÃO**

A adesão à Agenda 2030, plano de ação global da Organização das Nações Unidas (ONU) que estabelece as metas e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), significa muito mais do que a identificação de ações que podem contribuir para o atingimento de resultados. Na visão da organização internacional (ONUBR, 2018) deve constituir um esforço mais amplo no qual a Agenda se torna uma ferramenta de gestão mobilizada em âmbito local por diversas instituições, inclusive as Universidades.

Nesse sentido, trata-se de uma iniciativa que propõe novas formas de governança na tentativa de estimular demais atores, para além dos Estados, a se engajarem em regimes tidos como de baixo comprometimento, como o dos direitos humanos e o do meio ambiente.

Diferentemente de outros dispositivos, que seguem um parâmetro normativo, as metas da Agenda não só podem ser vistas como oportunidade, como também conseguem evidenciar a interdependência entre as três frentes da sustentabilidade - economia, meio ambiente e sociedade (ARAÚJO, 2020). Desse modo, por conceber ações que impactam diretamente a comunidade externa, sobretudo com as ações de extensão, as instituições de ensino superior ganham importante proeminência.

Isso quer dizer que as Universidades devem planejar seu desenvolvimento institucional à luz dos objetivos e metas globais de forma a contribuir para um esforço também global para “pôr o mundo em um caminho sustentável” (UNODC, 2022). A inclusão das Universidades como atores chave neste compromisso compartilhado é resultado do reconhecimento do papel desse tipo de instituição de ensino superior na formação de profissionais de diferentes áreas, produção de novos conhecimentos, técnicas e tecnologias, mas especialmente do papel de indutor de transformações sociais, promoção da cidadania, democracia e outros impactos socioeconômicos e voltados ao desenvolvimento sustentável.

No âmbito internacional, algumas iniciativas foram criadas para analisar o impacto das Universidades. As primeiras, entretanto, se concentraram em conhecer o desempenho das instituições do ponto de vista da produção e mérito acadêmico das pesquisas científicas (cujo principal critério é a publicação em periódicos internacionais e citações de artigos científicos). Alguns rankings muito populares (THE World University Rankings e QS World University Rankings) passaram a publicar de forma periódica a comparação do desempenho de instituições de ensino superior de diferentes partes do mundo (THE, 2021a; QS, 2022).

Uma pergunta que passou a ser feita é se de fato essas medições refletem o trabalho das universidades, especialmente do ponto de vista socioeconômico e do desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, iniciativas como o Times Higher Education (THE) Impact Rankings tem chamado a atenção da comunidade universitária em razão de proporcionarem rankings internacionais que partem de indicadores que consideram o engajamento com os ODS no tripé do ensino, da pesquisa e da extensão.

A Universidade Federal de Uberlândia (UFU) aderiu à Agenda 2030, o que pode ser evidenciado pelas ações de criação do Comitê Gestor dos ODS (CGODS) e da elaboração do Plano Institucional de Desenvolvimento e Expansão (PIDE) 2022-2027 orientado pela Agenda 2030. Além disso, a partir do ano de 2020, por meio da sua Comissão para Acompanhamento de Lançamento de Dados Institucionais da UFU em Rankings Universitários (ou Comissão de Rankings), decidiu participar do THE Impact Rankings 2021.

A pesquisa apresentada neste artigo científico identifica no THE Impact Rankings um indutor de políticas comprometidas com a Agenda 2030, uma vez que obriga as Universidades a responder sobre o seu desempenho em indicadores que refletem um compromisso com a erradicação da pobreza, agricultura sustentável, saúde e bem estar, educação de qualidade, igualdade de gênero, água potável, energia limpa, trabalho decente, inovação e indústria, redução das desigualdades, cidades sustentáveis, consumo responsável, ação contra mudança climática, vida na água, vida terrestre, instituições eficazes e parcerias- ou seja, os 17 ODS.

Desta forma, a investigação buscou, por meio do estudo de caso, discutir a hipótese de que a adesão da UFU ao THE Impact Rankings é resultado de uma política dirigida ao compromisso com a Agenda 2030, mas que também é uma estratégia de internacionalização que identifica a relevância do papel de transformação social da universidade pública.

De modo específico, também se fazem objetivos deste estudo: i) revisar a bibliografia que apresenta uma leitura crítica sobre o papel dos rankings de universidades e seu impacto na gestão da educação; ii) estudar a metodologia do THE Impact Rankings 2021 de forma a identificar padrões de classificação de universidades comprometidas com a Agenda 2030; iii) analisar o desempenho da UFU no THE Impact Rankings 2021 à luz dos objetivos e metas da Agenda 2030; iv) identificar, por meio de entrevistas com servidores membros da Comissão de Rankings, se a participação no THE Impact Rankings 2021 tem influência na internalização das metas da Agenda 2030 na gestão universitária.

Os resultados serão apresentados em quatro seções. A primeira tem como objetivo conhecer o conceito de internacionalização das instituições de ensino superior, as abordagens de gestão existentes para este fim e localizar a abordagem adotada pela UFU com foco para a política de participação em rankings internacionais. A segunda seção, busca discutir a Agenda 2030 como desempenho, trazendo um panorama geral da Agenda 2030 e destacando algumas ações centrais realizadas na universidade que possam ter contribuído para sua classificação na edição 2021 do ranking. O terceiro capítulo tem a finalidade de fazer uma discussão da bibliografia acerca dos rankings, comparar a metodologia utilizada entre os rankings tradicionais, como o THE e o QS, e o THE Impact Rankings e apresentar os resultados obtidos pela UFU na edição 2021 do THE Impact Rankings. Ao longo dessas seções, trouxemos a visão de três membros da Comissão de Rankings que participaram dessa submissão dos dados ao ranking. As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas via videoconferência na plataforma Microsoft Teams e as perguntas norteadoras podem ser conferidas na íntegra no apêndice deste trabalho. Por fim, fazemos as considerações finais com indicações de futuras agendas de pesquisa.

## 2 O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO NA UFU

O Ensino Superior tem se tornado um ramo da educação que não pode mais ser entendido como circunscrito ao âmbito nacional, mas que vem se inserindo gradativamente no escopo da internacionalização. Isso se explica, em grande medida, pelo processo de globalização, cujas demandas sociais e de mercado impelem à estrutura organizacional das Instituições de Ensino Superior (IES) uma necessidade de aperfeiçoamento não apenas acadêmico e profissional, como também em termos de habilidades multi linguísticas e interculturais (QIANG, 2003).

Dito isto, a fim de minimizar a confusão entre os termos e trazer mais clareza quanto à relação entre eles, é necessário fazer uma breve apresentação de suas definições. A globalização pode ser definida como “(...) um fluxo de tecnologia, recursos econômicos, conhecimento, pessoas, valores e ideias através de fronteiras. (...) É, portanto, um fenômeno multifacetado que afeta a educação de múltiplas formas” (KNIGHT, 2003, p.3). Por sua vez, a internacionalização significa, também nas palavras de Knight (apud DE WIT)

um processo intencional de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global no objetivo, nas funções e no ensino pós secundário, a fim de melhorar a qualidade da educação e da pesquisa de todos os estudantes e funcionários e dar uma contribuição significativa à sociedade (KNIGHT apud DE WIT et al, 2015, p. 29, tradução nossa<sup>3</sup>).

Em outras palavras, é possível dizer que a globalização vem influenciando a internacionalização, que por sua vez, vem impactando a educação (KNIGHT, 2003). Nesse sentido, percebemos, portanto, que enquanto a globalização abarca dinâmicas de diversas naturezas, seja elas econômicas, sociais, culturais, de informação, pessoas e mercadorias, a internacionalização é um processo mais específico da educação, sendo particularmente mais vinculado à Educação Superior pelo escopo, estrutura e funcionamento das instituições.

Assim, pensando nesse cenário global cada vez mais interconectado, há de considerar também, além dos aspectos acadêmicos, profissionais e multiculturais mencionados, outros fatores que justificam a inserção crescente do Ensino Superior na esfera da internacionalização. O interesse econômico, por exemplo, é um dos motivadores considerados pelas instituições para o recrutamento de estudantes internacionais, como estratégia de fomento à verba destinada à produção em pesquisa, pela ampliação de parcerias em redes de conhecimento, sobretudo com a participação de empresas no desenvolvimento de patentes, por exemplo (QIANG, 2003).

---

<sup>3</sup> “(...) the intentional process of integrating an international, intercultural or global dimension into the purpose, functions and delivery of post-secondary education, in order to enhance the quality of education and research for all students and staff, and to make a meaningful contribution to society” (KNIGHT apud DE WIT et al, 2015, p. 29).

Desse modo, a internacionalização pode ser vista como um processo imprescindível para minimizar as diferenças socioeconômicas entre os países e para preservar o componente cultural de cada um deles que faz parte desse movimento de cooperação internacional e de redes de conhecimento (MOROSINI, 2015). Isso se faz mais perceptível em países do sul global, sobretudo nos latino-americanos e caribenhos, nos quais a internacionalização do Ensino Superior é uma forma de alcançar a integração regional de forma cooperativa e fortalecer o vínculo das universidades com a comunidade externa (MOROSINI, 2017).

Essas pautas, que são discutidas nas Conferências Regionais e Mundiais de Educação do Ensino Superior (CRES/CMES), têm seu lastro em eventos históricos, como a Reforma de Córdoba (1918) e a Conferência Regional de Havana (1996). A primeira foi uma mobilização de estudantes da Universidade de Córdoba, na Argentina, contra um ensino religioso e arcaico e em prol de uma administração universitária mais inclusiva e próxima à sociedade (PESQUISA FAPESP, 2018). E a segunda marcou o início das Conferências Regionais, nas quais reitores, servidores e demais gestores da Educação Superior se reúnem para discutir planos de ação tendo como norte os princípios reivindicados em Córdoba no século anterior (autonomia, educação gratuita, liberdade acadêmica) (REVISTA DA AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2009).

Desse modo, vale destacar que ainda que já houvesse nesse período uma dimensão internacional de ensino, pesquisa e serviços à sociedade, foi somente no contexto do pós Guerra Fria e com a intensificação dos fluxos de bens tangíveis e intangíveis entre as economias que a internacionalização do Ensino Superior recebeu uma abordagem mais estratégica. Nesse sentido, no decorrer dos últimos trinta anos, os principais pontos de discussão sobre este assunto têm sido a reputação das instituições, a mudança do padrão de cooperação para o de competição e a livre circulação de alunos e professores (DE WIT, 2020).

Em 2003, foi realizada uma pesquisa pela Associação Internacional de Universidades com o intuito de identificar as principais questões que os profissionais das IES deveriam enfrentar. Foram consultadas 176 IES de 66 países de diferentes regiões e os resultados apontaram que boa parte das respostas, 73%, reconheceu a internacionalização como área de grande prioridade para a instituição. As razões para isso giravam em torno da possibilidade de atividades como o intercâmbio de estudantes e docentes, aperfeiçoamento do currículo, recepção de estudantes internacionais, formação de parcerias em pesquisa, integração em assuntos regionais, dentre outros. Interessante notar que resultados muito semelhantes foram obtidos na reprodução da mesma pesquisa dois anos depois, de modo que mais de 70% das

respostas consideraram a internacionalização como área de alta prioridade para a IES (KNIGHT, 2003).

Entretanto, existem várias abordagens de internacionalização, dentre as quais as mais conhecidas são: a internacionalização do currículo, a internacionalização abrangente e a internacionalização em casa. A partir de uma breve apresentação de cada uma, teremos elementos para analisar as ações desenvolvidas pela UFU e discutir qual (ou quais) dela(s) melhor retrata(m) a realidade da universidade.

A começar pela internacionalização do currículo, este conceito pressupõe o aperfeiçoamento de componentes internacionais tanto no currículo formal, com disciplinas e atividades previstas na grade curricular de ensino, quanto no informal, com a realização de atividades organizadas na instituição. Também inclui o aprendizado da diversidade cultural e linguística e o desenvolvimento de pesquisas com temáticas internacionais (LEASK, 2015).

A internacionalização abrangente, por sua vez, remete a um compromisso mais amplo da instituição de englobar a dimensão internacional no ensino, pesquisa e extensão da educação superior. Deve envolver toda a gestão universitária, desde a liderança, professores, estudantes, até os técnicos e demais colaboradores, de modo a constituir a ética e os valores da universidade, representando, portanto, um dever institucional. Por fazer parte do cerne da instituição, a internacionalização abrangente impacta, para além do campus como um todo, todas as relações externas e de parcerias vigentes (HUDZIK, 2011).

Por fim, há de se considerar também a internacionalização em casa, que tem como foco os ganhos de aprendizado e de aperfeiçoamento do currículo, a despeito apenas das práticas de intercâmbio, sendo uma oportunidade que deve incluir todos os estudantes. Ainda, esse tipo de internacionalização pode ser entendido como um instrumento, cujo objetivo maior é capacitar estudantes e professores com as competências multiculturais e internacionais necessárias para atuação profissional e cidadã. Também pode incluir a mobilidade de curto prazo na forma de visitas de estudo ou trabalhos de pesquisa, desde que esteja relacionada às ferramentas de avaliação padrão da universidade de origem (BEELEN, 2013).

Nesse sentido, a internacionalização assume um caráter inclusivo e confirma que não se trata de um processo com fim em si mesmo, mas sim de um caminho que precisa ser direcionado para assegurar a qualidade de aprendizagem para além dos aspectos econômicos (DE WIT, 2015).

Interessante notar que o debate acerca da internacionalização em casa ganhou proeminência depois que um levantamento sobre o Erasmus - um dos precursores e mais tradicionais programas de intercâmbio na Europa - revelou que nem 10% dos estudantes

havia feito a mobilidade para outros países, em mais de 10 anos de vigência do programa. Essa constatação foi suficiente para suscitar uma discussão sobre as possibilidades de se internacionalizar dentro da própria universidade, o que corroborou para a definição do conceito internacionalização em casa no final do século XX (CROWTHER et al, 2000).

Na UFU, a internacionalização teve início no final da década de 70, com o retorno de alguns docentes dos institutos de Engenharia que haviam sido contratados para se capacitar no exterior. Esse contato inicial foi bastante estratégico para inaugurar alguns importantes acordos vigentes até hoje, como o Brafitec. Em sua série de entrevistas, Batista (2009) traz a visão de alguns gestores que apontam que, diferentemente do mestrado e do doutorado, a graduação nas instituições brasileiras de modo geral ainda enviava poucos estudantes para o intercâmbio, sendo a maioria dependente de bolsas.

Sobre essa questão, um estudo realizado pelo ProInt UFU (2020), Programa de Formação para Internacionalização, com dados de 2007 a 2019 revela que menos de um em cada três dos estudantes UFU enviados a universidades de outros países o fez com recursos próprios. Essa proporção nos mostra a dependência com relação às bolsas e demais ações de auxílio de custeio de gastos e os impactos negativos que o fim de programas de assistência estudantil para a realização de intercâmbios, como o Ciências sem Fronteiras, e o aumento de cortes orçamentários podem causar nas oportunidades de internacionalização.

Tendo isso em mente, analisando as ações avançadas na UFU, é válido mencionar o Comitê de Programas de Mobilidade (CPM), composto por servidores de diferentes áreas do conhecimento (Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias, Ciências Biológicas) e que tem por objetivo sugerir, adotar e analisar os programas de mobilidade internacional na universidade. Dentre os programas vigentes estão Aulp, Bracol, Brafitec, Bramex, Eiffel, Elap, Ibero-Americanas e Marca.

Para os estudantes da UFU se candidatarem a esses programas, há a possibilidade de candidatura individual, candidatura aos editais específicos (Brafitec e Eiffel) e o edital credenciamento, que é uma recente ferramenta implementada para facilitar o processo para os alunos e para a DRI. Com esse edital, o aluno deve atender aos critérios de participação e fazer o envio de todos os documentos necessários, para então ser classificado junto aos demais. Essa lista de classificação servirá como norteador no momento posterior de seleção para as chamadas complementares da instituição de interesse do estudante (DRI, 2021a).

Pensando na política de internacionalização voltada aos rankings, essas ações de incentivo à mobilidade internacional são importantes, sobretudo a modalidade incoming (de chegada de estudantes e professores internacionais na UFU), pois um dos indicadores avaliados

pelos rankings é a proporção internacional de pessoal na universidade. De modo que quanto mais estudantes e professores de outros países, melhor é a pontuação, como indicativo de que a instituição tem boa projeção internacional.

Também é importante destacar o ProInt, cujas atividades de ensino, pesquisa e extensão estão voltadas para a internacionalização em casa. Nesse sentido, os membros do projeto têm a oportunidade de aprimorar um conjunto de competências e habilidades comumente presentes em intercâmbios, como a interculturalidade e a comunicação. Este projeto é composto por alunos de graduação de diferentes áreas do conhecimento, por estudantes internacionais e tem a sua coordenação formada por docentes do Instituto de Letras e Linguística. Dentre os projetos realizados pelo ProInt podemos destacar o Adolescentes Políglotas (curso gratuito de curta duração para adolescentes se familiarizarem com o francês, inglês e espanhol), MIGUFU (programa de apadrinhamento para alunos da UFU acolherem estudantes internacionais) e eventos como a Recepção de Estudantes Internacionais e o INTERUFU.

Como forma de contribuir com os rankings, o ProInt desenvolveu a série de postagens “ProInt explica os rankings”, que foi divulgada nas redes sociais do Programa em dois momentos, de outubro a dezembro de 2020 e de maio a junho de 2021. Os temas abordados nas postagens variam desde a explicação mais geral de o que são rankings, passando pelas especificidades dos indicadores cobrados por cada um, até abarcar como a comunidade UFU pode contribuir para o bom desempenho nas classificações. Para além disso, uma vez que a Comissão de Rankings organiza e consolida os dados para submissão, quando os resultados são disponibilizados, membros do ProInt se organizam para elaboração da arte e do texto da notícia a ser publicada pela Dirco (Diretoria de Comunicação Social).

Iniciativas como essas são relevantes porque, à medida em que a comunidade UFU se informa sobre o trabalho e os resultados relacionados aos rankings, desperta-se o interesse pelo assunto e começa a surgir, inclusive, um sentimento de pertencimento, que se intensifica quanto melhores forem as classificações da universidade. E o surgimento dessa cultura para internacionalização importa pois, uma vez conscientes desse processo e seus efeitos, professores, alunos, técnicos e demais servidores podem assim contribuir quando forem solicitados, como é o caso da pesquisa de reputação do QS Rankings.

Além da modalidade mais tradicional de intercâmbio, estudantes da UFU também podem realizar a mobilidade virtual. Em 2021, a UFU junto a diversas outras universidades brasileiras participou do Programa de Mobilidade Virtual Internacional ANDIFES - Destino Brasil, ofertando cursos multidisciplinares em inglês, espanhol e português para estrangeiros (DRI, 2021b).

É fundamental também mencionar o Plano Institucional de Desenvolvimento e Expansão (PIDE), que norteia a alta gestão nas diretrizes e na adoção de práticas em todas as áreas da universidade. O PIDE é elaborado por uma comissão específica, mas contou também com a participação da comunidade externa por meio de uma consulta pública via formulário on-line. Vale destacar que no documento há o conceito de internacionalização como sendo “(...) um processo de mudanças organizacionais, de inovação curricular, de desenvolvimento profissional do corpo acadêmico e da equipe administrativa, de desenvolvimento da mobilidade acadêmica com a finalidade de buscar a excelência na docência, pesquisa e extensão” (PIDE, 2022, p. 55).

Com essa definição, podemos observar que o entendimento institucional acerca da projeção internacional da UFU vai muito além da promoção do intercâmbio em si, pois concebe a possibilidade de aprimoração do currículo, a mobilidade virtual e demais estratégias a serem adotadas internamente nos campi.

A versão atual do Plano compreende o período de 2022 a 2027 e um dos doze eixos temáticos é a internacionalização. Há uma diretriz específica que prevê o reforço da internacionalização para uma maior projeção internacional da universidade, tornando os rankings internacionais peça-chave para o alcance de tais metas.

Tendo isso em vista, é possível perceber que a internacionalização ocupa um importante papel no planejamento institucional, já que ser referência internacional faz parte da visão da UFU. Contudo, essa preocupação ainda não tem reflexos significativos no orçamento direcionado às unidades acadêmicas e na ampliação e capacitação do pessoal envolvido diretamente neste processo. Como mesmo pontua uma das servidoras entrevistadas (PAULA, 2022), uma parte considerável do trabalho desenvolvido nas universidades públicas brasileiras tem caráter voluntário, o que não é diferente na UFU, na qual os membros da Comissão de Rankings, por exemplo, se dedicam voluntariamente, ainda que nem disponham de horas em seu plano de trabalho para tal. Nesse sentido, percebe-se que para internacionalizar, é preciso, para além de planejamento, estrutura e recursos direcionados a tal fim, especialmente se estamos falando da internacionalização em casa, em que o próprio interior das universidades sedia esse processo, suscitando um ambiente de aprendizagem preparado para isso.

### **3 A UFU E A AGENDA 2030: POLÍTICAS, AÇÕES E DESEMPENHO**

A Agenda 2030 implementada pela ONU em setembro de 2015 estabelece um plano de ação global a ser atingido até o ano de 2030, por meio de 169 metas organizadas em 17 ODS (ONUBR, 2018). A execução desse plano prevê o comprometimento dos Estados e de todos os

demais atores interessados em garantir o desenvolvimento sustentável na economia, meio ambiente e sociedade. As metas e os ODS são universais, integrados e indivisíveis, de forma a contemplar os principais desafios que permeiam a realidade global hoje: pobreza, fome, saúde e bem-estar, educação de qualidade, igualdade de gênero, disponibilidade da água, energia, crescimento econômico e trabalho decente, industrialização sustentável, desigualdade, cidades sustentáveis, consumo e produção responsáveis, mudança global do clima, conservação dos recursos hídricos, proteção dos ecossistemas, promoção da paz e de instituições eficazes e parceria global para o desenvolvimento sustentável (ONUBR, 2018).

Dentre esses 17 ODS estabelecidos pela Agenda, merece especial atenção o ODS 4 que versa sobre a garantia de acesso igualitário de homens e mulheres à educação de qualidade no ensino superior. Há na literatura (OWENS, 2017; JUNIOR et al 2019) o reconhecimento de que as IES são peça central para se pensar nos objetivos estabelecidos pela Agenda. Para Junior (2019), a educação é o campo que tem o potencial de contribuir para o alcance de todos os ODS, sobretudo com a participação das universidades. Isso porque percebe-se que é a partir das IES que novos profissionais e pesquisadores estarão aptos para pensar nos desafios de um mundo sustentável. De modo mais específico, Owens (2017) observa que as universidades têm um papel decisivo no cumprimento das metas estabelecidas para o ODS 4, que se preocupa com a garantia de uma educação equitativa, inclusiva e de qualidade para todos.

Assim, ambos os autores oferecem importantes contribuições para se pensar o envolvimento da UFU nesse plano mais amplo de ação global. Há de se reconhecer que, de modo geral, as universidades federais brasileiras exercem uma importante atuação para o alcance de um ensino de qualidade que viabilize igual acesso para homens e mulheres, contemplando assim o que está estabelecido no item do ODS 4 que se direciona especificamente para as IES.

No caso da UFU, estão em vigência políticas voltadas para este propósito, como resoluções sobre diversidade sexual e de gênero na universidade, bem como políticas de maternidade que oferecem suporte às mulheres, como licença maternidade e auxílio creche. E em se tratando das contribuições da universidade para o cumprimento de todos os ODS também pode-se perceber o engajamento da UFU em todas as frentes, pela atuação direcionada pela trindade ensino, pesquisa e extensão. A análise dos resultados da UFU no THE Impact Rankings 2021 nos oferece importantes indicativos do desempenho da universidade em cada ODS e isso será melhor abordado mais adiante.

Há de se considerar que a educação é um dos elementos centrais enquanto objeto e valor a ser alcançado, bem como viabilizador da realização da Agenda como um todo.

Principalmente no que se refere à inclusão das universidades. Esse foi um dos aspectos inovadores da Agenda que, diferentemente do predecessor Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, menciona de forma enfática a contribuição da educação neste processo. Isso porque percebe-se que é a partir das IES que novos profissionais e pesquisadores estarão aptos para pensar nos desafios de um mundo sustentável.

Esse aspecto é fundamental para os propósitos desta pesquisa, pois reforça o nosso pressuposto de que as universidades têm papel indutor nesse processo, tanto na adesão quanto na localização das ações relativas aos ODS. Pudemos confirmar isso nas falas das servidoras entrevistadas, que afirmam que, de fato, a UFU tem essa capacidade de influência, sobretudo pela força tida regionalmente. Esse papel de liderança é capaz de motivar as empresas da região e até mesmo a administração pública a seguirem essa iniciativa (SANTOS, 2022).

Um fator que pode contribuir para isso, inclusive, é o poder da divulgação gerada pelos rankings. Pois, ainda que a universidade faça divulgações por meio dos seus canais oficiais de comunicação, com a publicação de notícias e compartilhamento nas redes sociais, a comunicação dos rankings é em massa, em diários locais, regionais e nacionais. E isso gera um impacto diferente pela valorização e todo o histórico de cada ranking. Então, com certeza, isso influencia na percepção que a comunidade externa tem da universidade (CÓRDULA, 2022).

Complementando o capítulo anterior em que as ações mais gerais de internacionalização foram discutidas, cabe nesta seção trazeremos algumas iniciativas que a universidade vem avançando em torno dos ODS, sobretudo aquelas que reverberam na comunidade externa. Nesse sentido, um dos setores estratégicos para a participação da UFU no THE Impact Ranking pelo papel que desempenha no registro de atividades voltadas à concretização da Agenda 2030 é a área da extensão universitária. A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) passou recentemente a incluir no Sistema de Informação de Extensão (SIEX) um campo no registro das atividades para que seja marcado a qual ODS aquela atividade mais se vincula. Essa atualização contribui não somente para o trabalho da Comissão de Rankings em localizar os projetos de extensão atrelados a cada item solicitado pelo ranking, como também estimula a sensibilização de professores e alunos de que as ações desenvolvidas em suas unidades acadêmicas servem a um compromisso global.

Essa iniciativa foi mencionada pelas entrevistas (CÓRDULA, 2022; SANTOS, 2022; PAULA, 2022) que também enfatizaram a inclusão dos ODS nos projetos de pesquisa e, ao que tudo indica, futuramente deve ser acrescentado também nos projetos dos cursos de graduação. Isso é reflexo da projeção trazida pelos resultados da universidade nos rankings,

que gera um certo poder de barganha para com os setores da UFU, sobretudo no momento da coleta de dados.

Esse poder de negociação mencionado acima é fundamental, pois, em se tratando dos rankings, a submissão para o THE Impact envolve, diferentemente dos demais, uma quantidade muito substancial de dados, tanto qualitativos quanto quantitativos. E, por ser um processo que possui prazos pré-estabelecidos, uma vez que os setores já estão conscientes do trabalho da Comissão e já têm conhecimento dos resultados obtidos, fica muito mais fluido e célere o envio dos dados necessários.

Todas essas iniciativas têm forte relevância para o surgimento de uma conscientização da comunidade UFU quanto às metas e objetivos da Agenda 2030. Quando perguntadas se antes da participação da universidade no THE Impact Ranking as ações já eram identificadas com os ODS, as servidoras entrevistadas convergem em afirmar que foi somente a partir do engajamento ao ranking e dos resultados alcançados que as pessoas começaram a se atentar quanto a isso. Com o passar do tempo, gradualmente, as ações vão sendo criadas e implementadas e esse envolvimento da comunidade acadêmica vai se tornando mais evidente. Até mesmo para os membros da Comissão de Rankings essa associação surgiu somente após o estudo da metodologia e dos itens solicitados pelo ranking (SANTOS, 2022; PAULA, 2022).

Além das ações da PROEXC, da graduação e pós-graduação, podemos citar também a DIRSU, Diretoria de Sustentabilidade Ambiental da UFU, que, vinculada à Prefeitura Universitária, tem desenvolvido ações relativas aos ODS, como a disponibilização de coletores para o descarte de materiais nocivos, como pilhas e baterias e a instalação de placas solares no campus Santa Mônica (UFU SUSTENTÁVEL, 2019).

Para além dessas ações avançadas por diferentes setores da universidade, há que se destacar também as iniciativas institucionais, como a criação em 2017 do Comitê Gestor dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (CGODS). Este grupo composto por docentes, discentes, técnicos e demais servidores tem como objetivo estimular a inserção dos ODS nas práticas de pesquisa, ensino e extensão. O Comitê foi um indutor para que a UFU orientasse a formulação do PIDE (Plano de Desenvolvimento Institucional) a partir dos ODS, o que tem impacto para o trabalho de planejamento de todos aqueles que participam dos processos de gestão da UFU. Outras iniciativas que valem destacar é a integração da UFU à Comissão Nacional de ODS e à Rede ODS Universidades Brasil (COMUNICA UFU, 2017). Todas elas representam, portanto, um conjunto de políticas, atividades e normativas avançadas pela universidade em direção ao compromisso com a Agenda 2030 e que podem ter contribuído para os resultados obtidos na edição 2021 do ranking, conforme veremos na seção seguinte.

#### 4 OS RANKINGS UNIVERSITÁRIOS INTERNACIONAIS

Como parte deste processo de internacionalização, tem-se a figura dos rankings universitários internacionais, sobre os quais na literatura há um entendimento relativamente consensual de que funcionam como ferramentas utilizadas para orientar a governança institucional nas universidades (AZEVEDO, 2016; CALDERÓN; LOURENÇO, 2014; CALDERÓN et al., 2011; CALDERÓN; FRANÇA, 2018; ROBERTSON; OLDS, 2012; HALZENKORN, 2013a; 2013b; SANTOS, 2015; RIGUETTI, 2016).

Analisando as entrevistas com membros da Comissão, é possível perceber uma compreensão semelhante. Para Paula (2022), esse é justamente um dos objetivos dos rankings, servir como um instrumento para que as organizações possam mensurar como estão suas ações e seus processos. A partir dos diversos indicadores utilizados por cada ranking, cabe à universidade analisar esses dados e ponderar o que pode ser melhorado. Além de possibilitar a melhora da qualidade da instituição, há também, na visão da Santos (2022) um segundo papel desempenhado pelos rankings, que é o de aumentar a visibilidade e expor a UFU internacionalmente e nacionalmente, entre as universidades brasileiras. Para Córdula (2022), eles contribuem para se pensar em indicadores e em formas de se aprofundar algumas questões dentro da universidade (pelo uso de dados tais como número de estudantes, número de professores com pós-doutorado, proporção de mulheres docentes), formando assim um retrato da comunidade acadêmica.

O primeiro ranking universitário tinha um cunho nacional e foi criado em 1983 pelo US News & World Report como um relatório que classificou as melhores IES norte-americanas. Em seguida surgiu um ranking elaborado pelo Reino Unido com foco na avaliação das escolas de negócios e somente em 2003 estudiosos da Shanghai Jiao Tong University criaram o Academic Ranking of World Universities (ARWU) (SANTOS, 2016). Este tinha o objetivo de comparar as universidades chinesas com as concorrentes globais e a partir de então os rankings universitários ganharam um caráter internacional e começaram a cativar a atenção das IES espalhadas pelo mundo.

Assim, uma plataforma que inicialmente era utilizada para os estudantes conhecerem e identificarem as melhores instituições de sua área de interesse, acabou se tornando um impulsionador de competição global de disputa por excelência. Há, portanto, uma configuração significativamente excludente que contempla, nos principais rankings, apenas de 1 a 3 % das IES ao redor do mundo. E isso acaba gerando impacto nas universidades que estão à margem do processo, visto que estas não são vistas como prioridade no rol de interesse dos estudantes,

bem como dos governos e das agências acadêmicas de fomento que utilizam os rankings como critério nas decisões de alocação dos recursos.

Corroborando esta visão crítica, e em consonância aos processos de globalização e internacionalização abordados anteriormente, nota-se que estão em curso os movimentos de mundialização do capital e de financeirização da economia global, que produzem efeitos e influenciam na elaboração das políticas nacionais de educação (THIENGO et al, 2018). Em outros termos, se antes havia um foco maior nas questões domésticas atinentes a cada país, para se pensar em políticas públicas e decisões institucionais nas IES, agora percebe-se uma importância muito maior das agendas da política internacional, que por sua vez são configuradas a partir das tendências dos países centrais.

Autores como Ordorika (2015) também apontam suas críticas ao questionar o teor objetivo que os rankings pretendem ao elaborar os seus critérios. Isso porque há um peso muito forte da produção em pesquisa, medida por bases de dados como Cimago, Elsevier, Scopus; além disso, áreas como ciências biológicas e ciências da saúde são mais favorecidas em detrimento de outras como ciências sociais e humanidades. Ademais, nota-se um predomínio de revistas de língua inglesa nos rankings.

Para a Comissão de Rankings da UFU, os rankings universitários coletam dados de universidades públicas e privadas para fornecer uma classificação das instituições de Ensino Superior tanto ao nível nacional (rankings nacionais) quanto mundial (rankings internacionais). Sua importância se deve à possibilidade de comparação entre as IES, auxiliando estudantes nas escolhas de universidades de interesse e também apresentando indicadores que podem orientar a gestão universitária na implementação de novas estratégias e boas práticas.

Desse modo, a Comissão foi constituída em 12 de setembro de 2019, tendo como objetivos: i) mapear e propor o preenchimento de dados de rankings estratégicos para os processos de internacionalização da Universidade Federal de Uberlândia; ii) divulgar resultados e propostas de rankings, e discuti-los junto à comunidade acadêmica visando sua apropriação como possíveis instrumentos de gestão; iii) coletar dados complementares, compartilhar resultados e propor ações visando à melhoria dos indicadores apresentados pela UFU nos diversos rankings; iv) articular os dados coletados de modo a padronizar terminologia e a qualidade dos dados informados e v) dar suporte ao processo de resposta aos rankings universitários e acompanhar o preenchimento dos dados nos diversos sistemas, o cumprimento de cronogramas e a divulgação de resultados.

Sobre a instituição da Comissão, Córdula (2022) destaca sua relevância, pois antes não havia ações específicas para coleta dos dados para submissão aos rankings, havendo apenas

uma noção geral. A partir desse momento começaram as parcerias e aprimoramento no registro de dados que há na UFU. Ainda assim, há dados que não são registrados para serem enviados ao ranking, como o número de alunos que são os primeiros das suas famílias a ingressarem no ensino superior.

Diversos colaboradores participaram e contribuíram para o processo de coleta, sistematização e submissão dos dados solicitados pelos rankings desde o início dos trabalhos em 2018. Desde a sua constituição, a Comissão vem trabalhando com diversos rankings internacionais, sendo eles o THE World University Rankings, o QS World University Rankings, o UniRank e o Center for World University Rankings. Os dois primeiros têm suas ramificações para outros escopos que podem ser geográficos (THE Latin America University Rankings e QS Latin America University Rankings) e temáticos (THE Emerging Economies e THE Impact Rankings).

#### **4.1 THE IMPACT RANKINGS 2021: METODOLOGIA**

A fim de retomar e tentar responder umas das perguntas norteadoras deste trabalho, que questiona se o THE Impact Rankings 2021 possibilita uma fonte alternativa aos rankings tradicionais de medição da qualidade das universidades com potencial de influenciar o comprometimento com a Agenda 2030, é válido tratar da metodologia utilizada pelos rankings.

A começar pelo QS (Quacquarelli Symonds) World University Rankings, este é um ranking universitário internacional que classifica as universidades a partir de seis indicadores, sendo eles: reputação acadêmica, reputação do empregador, proporção estudante e professor, proporção de estudantes internacionais e proporção de professores internacionais e citações por corpo docente.

No quesito reputação acadêmica, o ranking tenta mensurar o prestígio da instituição por meio de uma pesquisa de opinião direcionada à comunidade acadêmica, podendo englobar pesquisadores, técnicos e docentes, nacionais e estrangeiros, que têm ou já tiveram vínculo com a instituição. Essa pesquisa é enviada pelo ranking, bem como pode ser impulsionada pela universidade através de indicação de nomes, e traz algumas perguntas que tentam averiguar quais instituições a pessoa elegeria como melhores, nacional ou regionalmente, que possuem excelência na produção de pesquisa em determinada área do conhecimento, não podendo incluir a própria instituição. Este item concentra 40% da pontuação total (QS, 2022b).

A reputação do empregador é um indicador semelhante, com a diferença que a pesquisa é direcionada a empresas, que devem elencar as universidades que melhor formam os estudantes para o mercado de trabalho. Vale lembrar que o foco está nos estudantes de

graduação. Este item corresponde a 10% do total de pontos (QS, 2022c). A proporção entre estudantes e professor é uma estimativa que tenta mensurar a qualidade do ambiente de ensino a partir do número de professores disponíveis para cada aluno. O ranking utiliza os dados enviados pela universidade, bem como de ministérios, agências e demais fontes. Esse indicador corresponde a 20% dos pontos totais (QS, 2022d).

A proporção de estudantes internacionais e a proporção de professores internacionais são dois indicadores que, respondendo a 5% cada do total de pontos, tenta avaliar a inserção internacional da universidade a partir do número de alunos e professores internacionais presentes. É considerado o período mínimo de três meses na instituição e podem ser incluídos tanto alunos da graduação, quanto da pós-graduação (QS, 2022e; QS 2022f).

Por fim, temos as citações por corpo docente, com pontuação de 20%, que busca analisar o volume da produção em pesquisa de acordo com o tamanho da universidade. É utilizada a base bibliográfica da Elsevier Scopus e são considerados os artigos publicados em cinco anos com citações dentro de um período de seis anos (QS, 2022g).

A problematização central não é quanto à exigência de um número mínimo de publicação em revistas - até porque pela própria natureza e razão de ser das universidades, é positivo que haja estímulo à pesquisa - mas sim, os tipos de periódicos selecionados para a análise dos rankings, que diferem em muito das revistas melhor conceituadas e escolhidas na pós-graduação no Brasil. Como exemplo, analisando as melhores revistas classificadas na área de biotecnologia na base bibliográfica da Elsevier Scopus, encontramos em destaque: Nature Energy, Nature Biotechnology, Energy and Environmental Science, Advanced Energy Materials e Nature Methods. Por sua vez, ao procurar pelas melhores revistas na plataforma Qualis da CAPES, temos: ACS Applied Materials, & Interfaces (online), ACS Applied Materials & Interfaces (Print), ACS Chemical Biology, ACS Chemical Neuroscience e Acs Nano (SCOPUS, 2022; PLATAFORMA SUCUPIRA, 2022).

Diante disso, considerando os indicadores tal como estão vigentes, ainda que a UFU intensifique sua produção em pesquisa - o que é importante - isso não ajudaria muito para fins de classificação nos rankings, pois os critérios não levam em conta a listagem brasileira das melhores revistas científicas. E as referências nacionais são relevantes, pois muitas vezes balizam as decisões de publicação dos docentes ou estudantes da pós-graduação. Há de se reconhecer que, por sua abrangência global, seria impraticável ao ranking conseguir dar conta da realidade das mais diversas instituições espalhadas ao redor do mundo. Todavia, devemos pontuar que é possível que parte da produção em pesquisa da universidade não esteja sendo considerada, por não estar inserida no rol de periódicos selecionados.

Interessante notar uma recente atualização no QS University rankings no que diz respeito à inclusão da subclassificação ESG (Environmental, Social and Governance) Rankings, que traz indicadores sobre sustentabilidade, consumo de água e energia, igualdade, diversidade e inclusão e nas universidades. Esses são dados novos para o QS Rankings, que nunca antes haviam sido utilizados, mas que nesse ano de 2022 passaram a ser solicitados pelo ranking.

Em se tratando do THE, assim como o QS, o ranking inclui algumas subclassificações: Young Universities, Emerging Economies, Latin America, by Subject, Impact Rankings. A partir de uma única submissão de dados, o ranking consegue classificar as universidades nessas diversas listagens, partindo de indicadores mais gerais e calibrando a depender do escopo de cada ranking. São utilizados treze indicadores, agrupados em cinco grandes áreas, a saber: ensino (incluindo pesquisa de reputação, proporção entre professor e aluno, renda institucional, número de professores com doutorado, proporção entre estudantes de graduação e pós-graduação), pesquisa (renda de pesquisa, produtividade em pesquisa e pesquisa de reputação), citações (que mede a capacidade de a universidade influenciar novos conhecimentos através da pesquisa), perspectiva internacional (proporção de estudantes e de professores internacionais e colaboração internacional) e renda proveniente da indústria e do comércio (THE, 2021a).

O THE Impact Rankings é um ranking internacional que busca classificar as instituições de ensino superior ao redor do mundo tendo como base o cumprimento dos ODS das Nações Unidas. Nesse sentido, esta classificação permite a inclusão de diversas universidades que desempenham um papel importante para sua comunidade externa (THE, 2021c). Para a participação da UFU na edição 2021 do ranking, os dados foram coletados pela Comissão de Rankings, que realizou um estudo da metodologia utilizada para levantar os dados da UFU, assim como contatar os diversos setores da universidade para a coleta das informações e evidências públicas necessárias para participação neste ranking.

Em março de 2021 a coordenação do ranking anunciou a criação de um conselho consultivo, que seria composto por 10 membros responsáveis por orientar e supervisionar o ranking quanto a uma abordagem transparente. Dentre os membros selecionados estão gestores que já atuaram como reitores, vice-chanceleres, diretores de departamentos, todos esses cargos vinculados à gestão universitária ou à área de sustentabilidade e com atuação em diferentes países, incluindo Alemanha, Austrália, Brasil, Canadá, Cidade do Cabo, Cingapura, China, Estados Unidos, Japão, Nova Zelândia (THE, 2021b).

Neste Conselho os membros discutem potenciais novas áreas a serem consideradas nas próximas edições, como o ensino à distância e os impactos na educação do mundo pós-

pandemia (THE, 2021b). Esse é, portanto, mais um indicativo que evidencia a proximidade entre a gestão universitária e os rankings. E de forma interessante, em um fluxo inverso. Agora, nessa iniciativa do THE, gestores são convidados a repensar e sugerir temas a serem adotados pelo ranking, que ao final irá impactar a universidade novamente. Revela-se, portanto, um processo cíclico, de influência mútua, de modo que cada parte, ranking e universidade, tem contribuições a sugerir. E pensando no alcance que os rankings estão se expandindo, tendo o THE Impact partido de 500 universidades em 2019 e atingido 1.240 em 2021, é interessante notar que mais instituições, de diversos lugares do globo, com realidades tão singulares, poderão futuramente agregar a esse processo também.

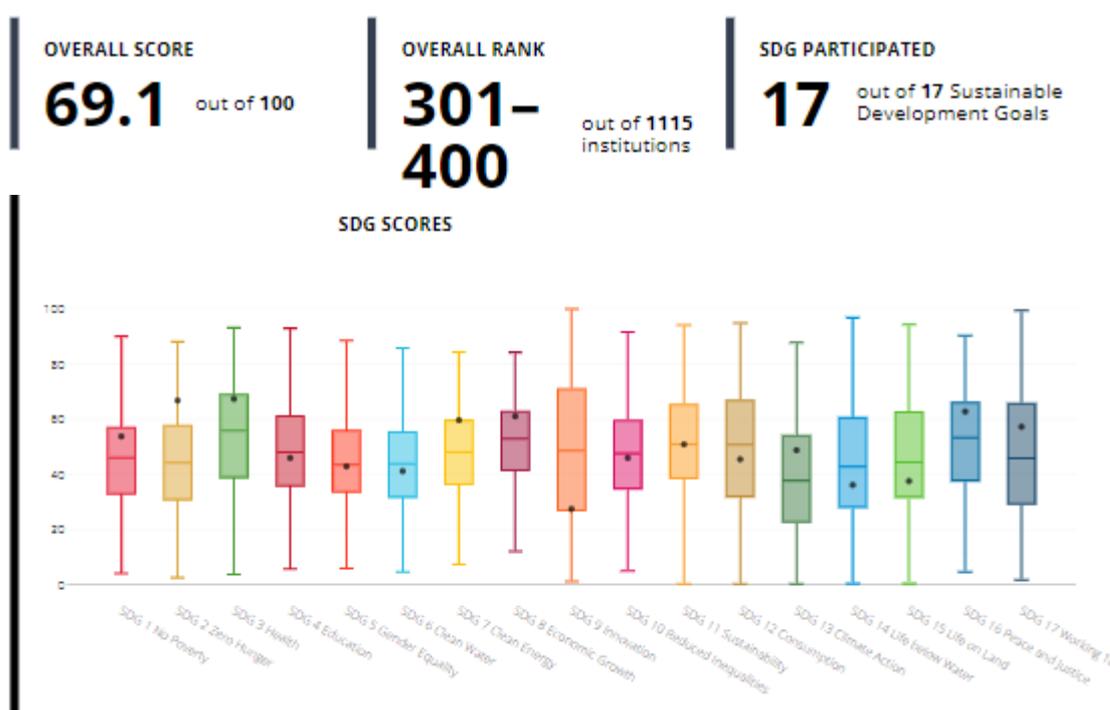
O THE Impact Ranking é voltado para instituições de ensino superior ao redor do mundo que oferecem cursos de graduação ou pós-graduação. Para participar na classificação geral do ranking, é necessário que a instituição submeta dados para o ODS 17, item obrigatório, e para mais outros três ODS de sua escolha. Dessa forma, a pontuação se distribui em 22% para o ODS 17 e 26% para cada um dos três outros ODS, totalizando 100%. Assim como a instituição pode aplicar para todos os ODS. Mesmo que a universidade não tenha atendido aos critérios para a classificação geral, ela continua podendo se classificar nos ODS aos quais aplicou. Para se apresentar como alternativa aos rankings tradicionais, o THE Impact Rankings não exige volume mínimo de publicações em pesquisa; o objetivo, segundo a administração, é envolver as IES neste compromisso com os ODS e dar visibilidade às ações já realizadas por esses atores (THE, 2021c).

#### **4.2 THE IMPACT RANKINGS 2021: RESULTADOS**

Levando em consideração a estreia da UFU neste ranking, os resultados nos indicam para uma participação promissora. Na classificação geral, a universidade obteve a pontuação 66.3-70.9, o que a permitiu ocupar a posição das 301-400 melhores IES ao nível global e o 13º lugar ao nível nacional. A UFU foi classificada em todos os 17 ODS, conforme ilustra a figura a seguir.

Figura: Resultados da UFU no THE Impact Rankings 2021

### THE Impact Rankings 2021 ▾



Fonte: THE, 2021d.

O ODS 4, que se refere à educação de qualidade, foi o de pior desempenho, com nota 42.1-52.5, colocando a UFU na posição 401-600 mundialmente e no 23º lugar ao nível nacional. Por outro lado, o melhor resultado foi no ODS 2, referente ao combate à fome, com pontuação de 66.8 na 57ª posição ao nível mundial. Nacionalmente, neste ODS, isso se reflete no 6º lugar entre as melhores do Brasil.

Infelizmente, não é possível saber com exatidão qual foi a pontuação específica atribuída a cada item de cada um dos 17 ODS. Esta informação está disponível apenas para as instituições que são assinantes de um pacote de serviços oferecido pelo THE, ao qual a UFU ainda não aderiu pelo alto valor requerido. Todavia, traremos algumas ações desenvolvidas pela universidade nesses dois ODS como forma de ilustrar a forma com a qual os itens solicitados pelo ranking foram respondidos.

No que se refere ao ODS 4 - educação de qualidade - a UFU oferece acesso aos recursos educacionais para aqueles que não estudam na universidade (por exemplo, computadores, livros, palestras e eventos), bem como realiza atividades de divulgação educacional fora do campus e adota políticas que garantem que as atividades promovidas sejam acessíveis para

todos, independentemente da etnia, religião, deficiência ou gênero - com a Política de Diversidade Sexual e de Gênero) (SISBI, 2022; COMUNICA UFU, 2019a; PROAE, 2021).

Em se tratando do ODS 2 - combate à fome - a UFU adota ações para medir a quantidade de desperdício de alimentos gerados da comida servida nos restaurantes universitários (RUs), além de ter um programa sobre insegurança alimentar e inclui opções sustentáveis para todos nos campi, como comida vegetariana (COMUNICA, 2019b; PROAE, 2014; COMUNICA, 2019c).

Importante mencionar que na edição 2021 o ranking solicitou que os dados fossem referentes à 2019, ou seja, ainda sem os efeitos da pandemia. É bem provável, e os resultados de outros rankings em 2022 já vem revelando isso, que as mudanças advindas desse momento (transição para o ensino remoto, suspensão da mobilidade internacional, cortes orçamentários e de bolsas de pesquisa) trarão impactos para as classificações no THE Impact Rankings no curto prazo.

Ainda que tenha existido algumas dificuldades ao longo do processo de submissão dos dados, como a fragmentação das informações em diversos setores, a falta de registro de ações que já estão em curso na universidade e o baixo envolvimento dos setores por desconhecimento quanto ao ranking (PAULA, 2002; CÓRDULA, 2022; SANTOS, 2022), a participação no THE Impact Rankings 2021 permitiu o início de uma tendência de mudança ao lançar luz sobre ações que podem ser melhoradas. Nesse sentido, ao evidenciar o trabalho da UFU, esses resultados podem servir como incentivos para um planejamento consciente com a inclusão de mecanismos de monitoramento e avaliação que permitam conhecer a performance da universidade sobre os ODS.

Sobre essa tendência de longo prazo que se inicia, na visão das servidoras entrevistadas, mesmo que não haja prorrogação e a Agenda se encerre de fato em 2030, a UFU ainda tende a continuar o compromisso com as ações voltadas à sustentabilidade. De forma mais ampla, isso se traduziria em um legado que fica e, com o tempo, a comunidade acadêmica incorporará em suas práticas diárias, mesmo sem a Agenda (SANTOS, 2022). A valorização da igualdade de gênero, a preocupação com o desperdício da água e dos alimentos, a economia de recursos não renováveis, tudo isso será levado daqui para as próximas gerações, sendo parte constituinte da universidade (PAULA, 2022).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados alcançados pela UFU neste ranking não definem a universidade por si só, mas podem ser muito úteis se mobilizados enquanto instrumento institucional de gestão. Isto

porque os rankings universitários internacionais, ao classificar as IES pelo desempenho em pesquisa, ensino e extensão, oferecem uma oportunidade de as IES mostrarem ao mundo suas iniciativas de excelência e assim, atrair mais estudantes, docentes e pesquisadores internacionais para sua comunidade acadêmica.

Mais especificamente sobre o THE Impact Rankings 2021, a análise dos seus resultados podem contribuir para o mapeamento das ações avançadas pela universidade em prol do cumprimento da Agenda 2030, além da identificação das áreas que carecem de maior atenção dos órgãos institucionais superiores e o aperfeiçoamento de algumas políticas.

Podemos perceber, portanto, que o ranking incentiva a internalização de boas práticas, intensificando um movimento já em curso. Ou seja, é como um processo de retroalimentação, no qual a UFU já realizava várias ações ligadas às ODS e, uma vez no ranking, há um incentivo para aprimorar essas práticas. Isso fica muito claro ao observarmos, por exemplo, a criação do CGODS anterior à participação no ranking em 2020. E uma vez aderindo ao ranking, as metas de ODS foram incorporadas posteriormente no PIDE 2022-2027.

Sobretudo em um contexto pandêmico, no qual estão postas restrições à livre circulação de pessoas, torna-se necessário pensar em novas formas de praticar a mobilidade internacional, mantendo os ganhos de aprendizado linguísticos e culturais. Nesse sentido, os avanços das telecomunicações e das plataformas digitais e a oferta de cursos, como o da Rede Andifes, contribuem para tornar isso possível.

Ao identificarmos uma série de ações realizadas pelo ProInt no tocante aos rankings, desde 2020, seja através da criação de conteúdo nas redes sociais sobre a temática, da elaboração de texto e arte para serem noticiados pelos canais oficiais de comunicação da UFU, na participação direta de membros no trabalho da Comissão de Rankings - para além das ações mais gerais de internacionalização - podemos perceber que o Programa contribui para a formação da cultura de internacionalização focada nos rankings na UFU.

Por fim, entendendo as limitações desta pesquisa, que serviu ao propósito de lançar luz sobre este tema e levantar pontos importantes para o início de um debate, aproveitamos este espaço para sugerir pontos que podem ser investigados em futuras agendas de pesquisa. Destacamos aqui: i) estudo de caso comparativo entre as edições 2021 e 2022 do THE Impact Rankings, como forma de identificar quais foram os avanços e os retrocessos nas classificações dos ODS e se tivemos a inclusão de novas iniciativas adotadas internamente na UFU e ii) análise dos efeitos da pandemia sobre o desempenho da universidade no ranking.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS MEMBROS DA COMISSÃO DE RANKINGS

- 1) Os rankings universitários internacionais ajudam os gestores a pensar os processos institucionais da universidade?
- 2) Você acredita que a participação da UFU no THE Impact Rankings é como um catalisador para a adesão à agenda? No sentido de influenciar outros atores a fazerem o mesmo?
- 3) Por que a UFU responde aos rankings? É viável esse envolvimento da universidade às iniciativas de classificação internacional? E como você enxerga a participação e os resultados obtidos no THE Impact Rankings 2021?
- 4) Você considera que antes de a UFU entrar no THE Impact Rankings as ações já eram identificadas com os ODS? Ou foi somente a partir dessa associação feita pela Comissão de ranking?
- 5) Quais as maiores dificuldades que você enxerga que tivemos nesta edição do ranking? Seja em termos de Comissão ou universidade? O que poderia ter sido melhor?
- 6) Com a previsão do encerramento da Agenda em 2030, você acredita que este compromisso com o desenvolvimento sustentável em todas as suas nuances continuará sendo buscado de alguma forma pelos agentes, especialmente pela UFU?

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. B. A. **A Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável e o Brasil: uma análise da governança para a implementação entre 2015 e 2019**. 2020. 240 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.163>.

BEELLEN, Jos, et al. **Guide of good practices Tempus Corinthian: PROJECT NO. 159186-2009-1-BE-SMGR**. 2013.

BRASIL. **Reitoria da UFU**. Portaria de Pessoal UFU Nº 1210, de 22 de março de 2022. Disponível em [http://www.dri.ufu.br/sites/drii.ufu.br/files/media/arquivo/sei\\_ufu\\_-\\_3459493\\_-\\_portaria\\_de\\_pessoal.pdf](http://www.dri.ufu.br/sites/drii.ufu.br/files/media/arquivo/sei_ufu_-_3459493_-_portaria_de_pessoal.pdf). Acesso 10 jan 2022.

COMUNICA UFU. **Implantado Comitê Gestor dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2017. Disponível em <https://comunica.ufu.br/noticia/2017/11/reitor-valder-stefen-jr-da-posse-ao-comite-gestor-dos-objetivos-de-desenvolvimento>. Acesso 10 jan 2022.

COMUNICA UFU. **As 7 inovações premiadas de alunos e servidores da UFU**. 2019a. Disponível em <https://comunica.ufu.br/noticia/2019/10/7-inovacoes-premiadas-de-alunos-e-servidores-da-ufu>. Acesso 10 jan 2022.

COMUNICA UFU. **Tema: Desperdício de alimentos.** 2019b. Disponível em <https://comunica.ufu.br/midia/video/2019/11/tema-desperdicio-de-alimentos>. Acesso 10 jan 2022.

COMUNICA UFU. **13 coisas que você precisa saber ao entrar na UFU.** 2019c. <https://comunica.ufu.br/noticia/2019/02/13-coisas-que-voce-precisa-saber-ao-entrar-na-ufu>

CÓRDULA, M. S. M. Entrevista realizada pela autora em 29 de julho de 2022.

CROWTHER, P., et al. **Internationalisation at home: A position paper.** 2001. Amsterdam: EAIE. <https://www.univ-catholille.fr/sites/default/files/Internationalisation-at-Home-A-Position-Paper.pdf>.

DE WIT, H. **Internationalization of higher education.** *Journal of International Students*, 2020, 10.1: i-iv.

DE WIT, H., et al. **Internationalization of higher education. Brussels: European Parliament, Directorate-General for Internal Policies.** 2015.

DRI. **Processos Seletivos.** 2021a. Disponível em <http://www.dri.ufu.br/central-de-conteudos/documentos/2021/06/processos-seletivos>. Acesso 10 jan 2022.

DRI. **Programa de Mobilidade Virtual Internacional ANDIFES – Destino: Brasil.** 2021b. Disponível em <http://www.dri.ufu.br/central-de-conteudos/documentos/2021/04/programa-de-mobilidade-virtual-internacional-andifes-destino>. Acesso 10 fev 2022.

HUDZIK, John K. **Comprehensive internationalization: From concept to action.** Washington, DC: NAFSA, 2011. Disponível em [http://commission.fiu.edu/helpful-documents/global-education/2011\\_comprehen\\_internationalization-hudzik.pdf](http://commission.fiu.edu/helpful-documents/global-education/2011_comprehen_internationalization-hudzik.pdf). Acesso em 12 fev 2022.

JUNIOR, R. et al. **Implementing the UN SDGs in Universities: Challenges, Opportunities, and Lessons Learned.** 2019. Disponível em <http://doi.org/10.1089/sus.2019.0004>. Acesso em 11 fev 2021.

KNIGHT, J. **Updated Internationalization Definition. International Higher Education.** 2003. Vol. 33, páginas 2-3. Disponível em <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/7391/6588>. Acesso em 02 fev 2022.

LEASK, Betty. **Internationalizing the curriculum.** Routledge, 2015. Disponível em <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9781315716954/internationalizing-curriculum-betty-leask>. Acesso em 01 mai 2022.

MOROSINI, M. **Integração e internacionalização da Educação Superior.** *Foro Latinoamericano de Educación Superior.* 2015.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL. **Education for Life and Work: Developing Transferable Knowledge and Skills in the 21st Century.** Washington, DC: The National Academies Press. <https://doi.org/10.17226/13398>. 2012.

ONUBR. **Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** [S.l.]: [s.n.], 2018.

ORDORIKA, I. **Rankings Universitarios**. Revista de la Educación Superior Vol. xliv (1); No. 173, enero-marzo del 2015. ISSN electrónico: 2395-9037 (p. 7-9).

OWENS, T. L. (2017). **Higher education in the sustainable development goals framework**. *European Journal of Education*, 52(4), 414–420. doi:10.1111/ejed.12237.

PAULA, V. A. F. Entrevista realizada pela autora em 27 de julho de 2022.

PESQUISA FAPESP. **Cem anos da Reforma de Córdoba**. 2018. Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/cem-anos-da-reforma-de-cordoba/> . Acesso em 13 fev 2022.

PLATAFORMA SUCUPIRA. **Qualis Periódicos**. 2022. Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acesso em 13 jun 2022.

PROAE. **Resolução CONSUN UFU nº 10 2019 - Política de Diversidade Sexual e de Gênero da UFU**. 2021. Disponível em <http://www.proae.ufu.br/legislacoes/resolucao-consun-ufu-no-10-2019-politica-de-diversidade-sexual-e-de-genero-da-ufu>. Acesso em fev 2022.

PROAE. **Resolução No 01/2014, do Conselho de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis**. 2014. Disponível em <http://www.proae.ufu.br/sites/proae.ufu.br/files/media/documento/resolucaoconsex-2014-1.pdf>. Acesso em fev 2022.

PROINT. **Relatório de Mapeamento do Processo de Internacionalização da UFU 2007-2019**. 2020. Disponível em <http://www.dri.ufu.br/servicos/programa-de-formacao-para-internacionalizacao-proint>. Acesso em fev 2022.

QIANG, Zha. **Internationalization of higher education: Towards a conceptual framework**. *Policy futures in education*, 2003, 1.2: 248-270.

<https://www.topuniversities.com/qs-world-university-rankings/methodology>

QS. **QS World University Rankings methodology: Using rankings to start your university search**. 2022a. Disponível em <https://www.topuniversities.com/qs-world-university-rankings/methodology>. Acesso em 13 jul 2022.

QS. **Academic Reputation**. 2022b. Disponível em <https://support.qs.com/hc/en-gb/articles/4405952675346-Academic-Reputation>. Acesso em 13 jul 2022.

QS. **Employer Reputation**. 2022c. Disponível em <https://support.qs.com/hc/en-gb/articles/4407794203410>. Acesso em 13 jul 2022.

QS. **Faculty-student ratio**. 2022d. Disponível em <https://support.qs.com/hc/en-gb/articles/360019108240>. Acesso em 13 jul 2022.

QS. **International faculty ratio**. 2022e. Disponível em <https://support.qs.com/hc/en-gb/articles/4403961809554>. Acesso em 13 jul 2022.

QS. **International student ratio**. 2022f. Disponível em <https://support.qs.com/hc/en-gb/articles/4403961727506>. Acesso em 13 jul 2022.

QS. **Processing of citations and papers.** 2022g. Disponível em <https://support.qs.com/hc/en-gb/articles/4411823040018>. Acesso em 13 jul 2022.

REVISTA DA AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (CAMPINAS). **Declaração da Conferência Regional de Educação Superior na América Latina e no Caribe.** Avaliação: [online]. 2009, v. 14, n. 1, pp. 235-246. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1414-40772009000100012>.

RIZO, F. M. **Los rankings de universidades: una visión crítica.** Revista de la Educación Superior ISSN: 0185-2760. Vol. XL (1), No. 157, Enero - Marzo de 2011, pp. 77-97.

SANTOS, R. M. Entrevista realizada pela autora em 27 de julho de 2022.

SANTOS, S. M. et al. **O desempenho das universidades brasileiras em rankings internacionais.** Em Questão, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 186-219, mai/ago. 2016 doi: <https://dx.doi.org/10.19132/1808-5245222.186-219>. Acesso em 13 jul 2022.

SCOPUS. **Sources.** 2022. Disponível em <https://www.scopus.com/sources.uri>. Acesso em 4 mai 2022.

SISBI. **Serviços prestados à comunidade.** 2022. Disponível em <https://bibliotecas.ufu.br/servicos/servicos-prestados-comunidade>. Acesso em 3 set 2021.

THE. **Ranking Mundial de Universidades 2022: metodologia.** 2021a. Disponível em <https://www.timeshighereducation.com/w%C3%B4rld-university-rankings/world-university-rankings-2022-methodology>. Acesso em 3 set 2021.

THE. **Apresentamos nosso novo conselho consultivo de Rankings de Impacto.** 2021b. Disponível em <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/introducing-our-new-impact-rankings-advisory-board>. Acesso em 20 jun 2022.

THE. **Impact Rankings 2021: methodology.** 2021c. Disponível em <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/impact-rankings-2021-methodology>. Acesso em 11 jun 2021.

THE. **THE Impact Rankings 2021 Results.** 2021d. Disponível em <https://www.timeshighereducation.com/datapoints/federal-university-uberlandia/impact/Overview>. Acesso em 11 jun 2021.

THIENGO, L. C. et al. **Rankings Acadêmicos E Universidades De Classe Mundial: Relações, Desdobramentos E Tendências.** Educ. Soc., Campinas, v. 39, nº. 145, p.1041-1058, out.-dez., 2018.

TUMENAS, F. **Financiamento das universidades líderes nos rankings internacionais, um caminho para as universidades públicas brasileiras?** Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 26, n. 01, p. 270-287, mar. 2021.

UFU SUSTENTÁVEL. **Descarte Sustentável: Pilhas e baterias.** 2019. Disponível em <http://www.sustentavel.ufu.br/node/457>. Acesso em 16 jul 2022.

UNODC. **A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. 2022.** Disponível em <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/crime/embaixadores-da-juventude/conhea-mais/a-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentvel.html>. Acesso em 10 jun 2022.

VALMORBIDA S. M. I et al. **Rankings Universitários Mundiais.** Que Dizem os Estudos Internacionais? REICE. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación 14, no. 2 (2016):5-29. Redalyc, <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=55144743001>